



HAL
open science

Televisão, Jornalismo e Educação: um estudo sobre o Projeto Televisando

Aline Tainá Amaral Horn

► **To cite this version:**

Aline Tainá Amaral Horn. Televisão, Jornalismo e Educação: um estudo sobre o Projeto Televisando. XII Congresso Nacional de Educação, Oct 2015, Curitiba, Brazil. hal-01965614

HAL Id: hal-01965614

<https://hal.univ-lyon2.fr/hal-01965614v1>

Submitted on 26 Dec 2018

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

TELEVISÃO, JORNALISMO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO *TELEVISANDO*

Aline Tainá Amaral Horn¹ - UFPR

Grupo de Trabalho – Televisão e Escola em Tempos de Novas Tecnologias da Informação
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investiga a atuação do jornalista no *Televisando*, projeto de comunicação e educação desenvolvido pelo Instituto GRPCOM e RPC TV em parceria com Secretarias Municipais da Educação e Instituições de Ensino Superior. O estudo está calcado no entendimento que o Jornalismo, assim como a Educação, visa à formação do indivíduo em sociedade e, que, portanto, o *fazer jornalístico* pressupõe um *fazer educativo*. Para compreender como se configura a atuação do jornalista em um projeto de comunicação e educação, o estudo fundamenta-se em teorias relacionadas à Educomunicação, jornalismo e televisão dos seguintes autores: Soares (2011), Baccega (2009) e Martín-Barbero (2014). As informações coletadas foram sistematizadas a partir das entrevistas semi-estruturadas realizadas com jornalistas e editores-chefes das regionais da RPC TV do Paraná. Entre os resultados destaca-se que o envolvimento dos jornalistas no *Televisando* está associado a novas experiências e a aproximação com a escola; a reportagem do projeto é considerada “especial” por compor uma “série”, dentro de uma temática que varia a cada edição e tempo determinado; as reportagens são feitas de acordo com a “escala do dia” e não por afinidade e interesse pessoal; para os jornalistas o desafio da TV nos dias de hoje está em fazer um jornalismo mais agradável - rompendo com os padrões tradicionais da notícia (off, sonora, passagem) -, lidar com o tempo e com a concorrência que as mídias sociais representam.

Palavras-chave: Televisão. Educomunicação. Jornalismo. *Televisando*.

Introdução

Em meio às mudanças latentes do século XXI, o jornalista se encontra em um espaço de contradições: de um lado, ultrapassa o papel de produtor de conteúdo midiático e assume a responsabilidade pela formação de indivíduos capazes de fazer uma leitura crítica dos meios e de transformar a realidade, por outro lado, se vê em meio a limitações imbricadas no seu próprio fazer jornalístico, como tempo restrito para produção de conteúdo, metas

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista Capes/Fundação Araucária. E-mail: hornaline@gmail.com.

institucionais, interesses comerciais e adequação a novas ferramentas de comunicação. Nesse cenário, o jornalista vê sua atuação cada vez mais limitada. Sem tempo para criticidade e reflexão que antecedem a produção de reportagens, é também desafiado a estar continuamente desenvolvendo novas competências, incorporando tecnologias inovadoras ao seu dia a dia e, também, por vezes, adequando à sua realidade profissional projetos que propõe a interface da comunicação com a educação, cada vez mais crescente nas organizações.

O *Televisando*, objeto de estudo da pesquisa relatada nesse artigo, é um projeto de comunicação e educação desenvolvido pelas emissoras RPC TV² e Instituto GRPCOM³ em parceria com Secretarias Municipais da Educação e Instituições de Ensino Superior, presente em todas as regionais do Paraná: Cascavel, Foz do Iguaçu, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Guarapuava e Noroeste, exceto, em Curitiba. Tem como proposta a produção de reportagens especiais – elaboradas pela equipe de jornalistas da RPC TV e exibidas no *Paraná TV*⁴ 1º e 2º edição -e, posterior realização de atividades em sala de aula (ilustração ou redação) coordenadas pelos professores, que elaboram, por sua vez, relatórios das práticas pedagógicas realizadas durante o período vigente do projeto.

Tendo em vista que o interesse do estudo em questão está calcado no entendimento de que a comunicação é também um processo educativo e, assim, o jornalista, como protagonista dos veículos de comunicação, tem imbuído no seu exercício profissional o compromisso com a educação, o objetivo geral desse estudo é investigar a atuação do jornalista no *Televisando*, enquanto que os objetivos específicos, são: identificar de que forma o envolvimento do jornalista no projeto orienta o seu modo de fazer jornalismo e, compreender o que diferencia as reportagens do *Televisando* em relação às demais reportagens do telejornal. Essa investigação tem como “fio norteador” a hipótese de que esse profissional tem um importante papel no processo de produção de significados em sala de aula, mas não se vê como um dos principais sujeitos envolvidos no processo de mediação entre a televisão e a educação.

A tríade: Televisão, Jornalismo e Educação

A televisão é, nos dias de hoje, mesmo diante de todas as novas ferramentas comunicacionais, o meio de comunicação preferido dos brasileiros. Segundo a *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015*, 95% dos entrevistados afirmam ver televisão, sendo que 73% tem o

² Rede Paranaense de Comunicação, emissora autônoma, afiliada da Rede Globo.

³ Instituto do Grupo Paranaense de Comunicação, organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP).

⁴ Telejornais da Rede Paranaense de Comunicação – RPC TV.

hábito de assistir todos os dias, o que comprova que desde a sua popularização no Brasil, na década de 60, é “a única atividade partilhada por todas as classes sociais e por todos os grupos etários, fazendo assim o elo entre todos os meios” (WOLTON, 1999, p. 90).

É inegável o papel de responsabilidade social que a televisão exerce atualmente, principalmente, frente a uma *sociedade do conhecimento compartilhado e da aprendizagem contínua*, onde os lugares para aprender são todos (MARTIN-BARBERO, 2014), o que de certa forma descaracteriza a escola como única instituição detentora do saber responsável pela formação do indivíduo e, acentua o compromisso de outras instituições educativas “informais”, como é o caso da televisão. Segundo Orozco (1997, p. 58) fala-se com certa familiaridade que os meios de comunicação, em particular a TV, são uma “escola paralela”, ou seja, uma escola “sem licença para ensinar” “que se instalou nas sociedades contemporâneas, de maneira definitiva, e que ameaça as funções e objetivos de outros agentes e instituições já legitimados”.

Nesse sentido, Soares (2011) ressalta que a educação representando o tempo do pensamento lógico estaria nos dias de hoje em crise, enquanto que a comunicação, firmando um pensamento fragmentado, essencialmente audiovisual, estaria em alta. Não é por menos que é do senso comum associar a imagem da mídia como um “mal” a sociedade e a educação a um “bem”, o que representa uma grande controvérsia, já que ambas representam campos indispensáveis à vida em sociedade. Para o autor (2001, p. 17) a educação só é possível enquanto “ação comunicativa”, tendo em vista que a comunicação é um “fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano”. Já a comunicação é também uma “ação educativa” enquanto produção simbólica e transmissão de sentidos. A partir da compreensão que “os campos da comunicação e educação, simultaneamente, educam e comunicam” (SOARES, 2011, p. 17), considera-se que “as preocupações comunicacionais da Educação, e as preocupações sobre a aprendizagem na Comunicação, parecem de algum modo penetrar os dois campos originais na sua totalidade e fornecer-lhes novos ângulos e questões para observação” (BRAGA, CALAZANS, 2003, p. 56).

Embora os campos da comunicação e educação tenham origem e perspectivas distintas, cada um com especificidades próprias da sua *práxis*, ambos são indispensáveis a formação do sujeito e, ainda estão demarcados “no contexto do imaginário social como espaços aparentemente neutros e organizados para reproduzirem saberes oficialmente reconhecidos e apresentados como verdadeiros” (SOARES, 1999, p. 43). Mesmo assumindo

papéis diferenciados, vale ressaltar que é fundamental que estas áreas do conhecimento considerem suas convergências e divergências, para que, conforme afirma Baccega (2009, p.21) constituam juntas “um novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes”. Para a autora o campo comunicação/educação inclui, mas, não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios e usos da tecnologia em sala de aula, pois tem como objetivo fundamental construir a cidadania, “a partir de um mundo editado, devidamente conhecido e criticado”. Por este motivo ressalta que a interface dessas áreas do conhecimento merece lugar de segmento prioritário das teorizações e das pesquisas no campo da comunicação, pois “permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura”.

Se na dimensão educativa o aprendizado pode se constituir fora do modelo escolar, frente às mídias, cabe aos jornalistas, do lado da produção, como protagonistas dos dispositivos de comunicação, deter a responsabilidade de “oferecer formas com que se contrapor ao isolamento e a incerteza dos indivíduos, possibilitando vínculos culturais para os diversos grupos em que se fragmenta a sociedade” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 132). Portanto, a preocupação central, neste estudo, quando se trata da interface da comunicação e educação está em levantar reflexões que deem conta dos profissionais que não têm formação nesta área do conhecimento – os jornalistas - mas que estão complementemente imersos nas suas respectivas práticas profissionais em projetos de comunicação e educação.

Tendo em vista que os meios são ferramentas colaborativas para a constituição de ambientes abertos e dialógicos, atentar para o modo que a produção de conhecimento é realizada por parte das mídias significa estar em alerta e desenvolver um estado de contínua crítica em relação ao que é retratado, principalmente, porque, conforme relata Baccega (2009, p. 20), a interpretação da realidade ocorre a partir dos meios de comunicação, considerados não somente agências de socialização, mas também educadores.

É importante ressaltar que Soares (2001, p. 44) empresta o conceito de *ecossistema comunicativo*, idealizado por Martín-Barbero, e a ele atribui um novo sentido para designar um ambiente que promova o diálogo e a reflexão dos indivíduos, por meio de ferramentas da comunicação. Embora o autor reconheça que a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mas sim pela opção do convívio humano, afirma que a Educomunicação – consolidada como uma nova área de intervenção e com certa autonomia em relação aos

campos da comunicação e educação - se caracteriza justamente por criar e desenvolver tais ecossistemas em espaços educativos.

Tendo em vista que pretende-se aprofundar o entendimento da produção, ou seja, da prática jornalística em um projeto de comunicação e a educação e, a partir do entendimento que o jornalista, conjuntamente com o educador, se situa no “âmbito da consultoria”, conceito utilizado por Soares (2011, p.61) para caracterizar profissionais, inseridos no terceiro setor e nas organizações, que têm um olhar direcionado ao sistema educativo e visam à implementação e gestão de projetos com propostas educacionais dentro das corporações de comunicação, a pesquisa em questão se ancora na área de intervenção da Educação denominada *gestão da comunicação*, que tem como objetivo:

[...] garantir, mediante o compromisso e a criatividade de todos os envolvidos e sob a liderança de profissionais qualificados, o uso adequado dos recursos tecnológicos e o exercício pleno da comunicação entre as pessoas que constituem a comunidade, assim como entre esta e os demais setores da sociedade (SOARES, 1999, p. 41).

Ou seja, fica evidente que não cabe somente à educação adotar ações transformadoras, que promovam ambientes abertos e reflexivos dentro e fora de sala de aula. À comunicação também compete a responsabilidade pelo processo formativo, assim como a criação e implementação de ações que promovam o diálogo com a escola e seus atores envolvidos. De nada adiante fazer a sua parte como instituição difusora de valores formativos, se não está aberta para compreender o universo da cultura escolar e suas particularidades e linguagens, totalmente divergentes das quais está acostumada a lidar usualmente.

O Jornalismo, diferentemente da escola, se adaptou mais facilmente as mudanças vigentes no mundo e encontrou na televisão um universo de possibilidades para se desenvolver. A linguagem mais coloquial e descontraída da TV permite uma liberdade maior aos próprios telejornais que podem usufruir os recursos do audiovisual para criar novas formas de comunicar, por meio de gráficos, cortes de câmera, animações e outras ferramentas de edição. Já a escola, tendo o livro como símbolo, se limitou as outras ferramentas de comunicação que pudessem oportunizar novas formas de aprendizagem. Mesmo diante de muitas iniciativas de educação para os meios, por sinal, bem sucedidas em muitas escolas, a aprendizagem intermediada pela televisão, ainda está longe de alcançar os ideais da educação libertadora, crítica e dialógica, proposta por Freire (2002), justamente porque há muitos paradigmas a ser rompidos por educadores que veem a TV como uma ameaça a sua autoridade em sala de aula e, também, por comunicadores que nem sempre sabem fazer o

melhor uso dos recursos do audiovisual, não por falta de engajamento, mas por questões de âmbito institucional e do próprio modo de funcionamento de suas rotinas de trabalho.

Portanto, quando se fala na tríade *TV, jornalismo e educação* é possível notar aí um terreno de contrariedades, a começar pelo fato da TV ser associada ao divertimento, ao “não sério” (BUCCI, 1996), enquanto a educação e o jornalismo são vinculados ao “sério”. Nesse sentido, é que se coloca em questão a discussão acerca de projetos de âmbito educ comunicativo que encontram na televisão um meio para se desenvolver. Pode-se afirmar que há um certo descompasso entre os campos da comunicação e a educação, por outro lado, é possível observar que suas fronteiras estão cada vez menos demarcadas, havendo entre elas muitos espaços de confluência, como as iniciativas e ações propostas pela Educomunicação.

Metodologia

Para a delimitação do recorte de estudo, considerou-se como critério a regional do Paraná que tivesse uma equipe fixa de jornalistas envolvidos no *Televisando*, portanto, Londrina. Outro ambiente delimitado para o estudo é Curitiba, pois algumas reportagens do projeto são produzidas nessa localidade e veiculadas em outras regionais do Paraná. Essas mesmas reportagens, podem, simultaneamente, ser exibidas no telejornal local da capital, sem apresentar a vinheta ou qualquer vínculo com o projeto. Optou-se por essas duas regiões como recortes da pesquisa, justamente para confrontar os resultados de realidades de trabalho similares (a redação de TV), porém, considerando jornalistas que produzem reportagens para o projeto de forma diferenciada, ou seja, aqueles que integram equipes fixas envolvidas no *Televisando* e outros que elaboram reportagens de acordo com a escala do dia na redação, sem regularidade.

Considerando que as principais técnicas de coleta da pesquisa empírica “[...] são técnicas de observação indireta, como o questionário, o formulário, a entrevista e a história de vida” (LOPES, 1994, p.128), o presente estudo utilizou como instrumentos metodológicos, formulários e entrevistas. Na primeira etapa da pesquisa, os formulários foram enviados via e-mail institucional aos jornalistas envolvidos no *Televisando* de todas as regionais do Paraná e, teve-se como objetivo obter um panorama da abrangência do projeto no estado: verificar se o envolvimento no projeto gerou alterações na rotina de trabalho; público a quem se destinam as reportagens; formação complementar do jornalista em mídia-educação; engajamento do jornalista pós-concurso cultural promovido pelo projeto (compreensão de todas as etapas do

projeto); entendimento do jornalista do que seja um projeto de comunicação e educação. Em um segundo momento, as entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com os editores-chefes das regionais da emissora no estado e, pessoalmente, com os jornalistas de Londrina e Curitiba. As entrevistas visaram identificar de que forma os jornalistas trabalham no projeto; se a rotina de produção da reportagem do projeto é diferente em relação ao conteúdo pautado diariamente na redação; implicações políticas e institucionais no dia a dia profissional; as diferenças das reportagens do projeto em relação a outras reportagens de teor educativo do telejornal, além de verificar como um projeto institucional, mas também educacional é tratado na redação e na relação de trabalho do jornalista.

O Televisando e o modo de fazer jornalismo: principais resultados

Para compreender como se configura a atuação do jornalista em um projeto âmbito educacional, entre os resultados parciais, identificou-se que o envolvimento no *Televisando* está associado a novas experiências e a aproximação com a escola e que os jornalistas produzem reportagens para o projeto de acordo com a "escala"⁵ do dia, e não por afinidade ou interesse pessoal, exceto na regional de Londrina, onde há uma equipe fixa do projeto.

O jornalista A (JA), produtor e coordenador de reportagem dessa localidade, afirmou que ao fazer a "escala" prefere que o mesmo repórter faça todas as matérias do projeto, porque passa a ter um histórico dos temas abordados nas reportagens. Porém, isso não é uma regra: "[...] ele já sabe o que destacou na primeira matéria e o que vai destacar na terceira [...]" quando é possível eu procuro colocar o mesmo repórter em todas as matérias daquele ano" (JA). Isso leva a crer que haja uma preocupação que o repórter tenha um aprofundamento maior dos temas abordados no projeto e, por consequência, seja capaz de produzir reportagens que contemplem os objetivos do *Televisando*. Apesar do próprio editor-chefe de Londrina relatar que os jornalistas envolvidos alternam a cada ano, o histórico das edições indica que poucos profissionais participaram, ou seja, houve pouca rotatividade de profissionais durante esses anos de vigência do projeto.

Para os jornalistas o envolvimento no *Televisando* altera o dia a dia na televisão em função do excesso de trabalho e necessidade de maior aprofundamento sobre os assuntos que

⁵ Jargão jornalístico que indica o planejamento e distribuição das reportagens do dia entre os jornalistas do telejornal. Geralmente é feito pelo coordenador de reportagem da redação.

serão abordados nas reportagens. O jornalista B (JB), que atuou como pauteiro do *Televisando* durante três anos consecutivos, relatou que o envolvimento no projeto mudou a sua rotina na redação por conta “de uma necessidade de estar administrando as duas coisas”, reportagens do telejornal e matérias produzidas para o projeto:

Às vezes, a rotina impõe uma dificuldade, é você tratar do factual envolvendo a educação, greve nas escolas, dificuldades dos professores se manterem, falta de dinheiro, greve nas universidades, greve de professores, eu não me lembro muito de estar trazendo para a rotina do telejornal matérias relacionadas a educação de iniciativas importantes dentro do contexto escolar, só me lembro dentro do *Televisando*. Então, tudo indica que a rotina impõe uma dificuldade para que isso seja tratado com outro viés, com um olhar um pouco mais ampliado a respeito disso (JB).

Para o jornalista C (JC) a rotina de trabalho na TV impõe algumas limitações como fazer reportagens dentro do contexto do projeto com a dificuldade do tempo da televisão, mas, por outro lado, ressaltou que tem uma maior disponibilidade para fazer as reportagens, utilizando o tempo integral do período de trabalho (manhã ou tarde).

Já os editores-chefes apresentam posicionamentos divergentes. Entre as respostas, constatou-se que o envolvimento dos jornalistas no *Televisando* em nada muda a rotina de trabalho na redação ou, então, o dia a dia na TV é diferenciado somente quando os jornalistas participam da avaliação dos trabalhos produzidos pelos alunos ou quando tem exclusividade na produção das notícias para o projeto.

Segundo o JA as reportagens do *Televisando* são tratadas de forma diferenciada em relação às demais matérias do telejornal, principalmente, nas etapas de produção e de reportagem, porém, afirma que o repórter não tem o mesmo “engajamento” que o produtor:

Quem tem que se aprofundar mesmo é o produtor e o repórter, só que o repórter pela correria que ele tem no dia a dia ele não vai ter o tempo que o produtor tem (...) Olha, no meu caso, como produtora e agora como coordenadora de produção altera a rotina de trabalho do produtor. Porque eu lembro que no ano passado, eram 5 horas da manhã e eu estava em casa lendo coisa de 300 páginas, eu tive que selecionar um tanto, e tive que ler umas 60 páginas na minha casa, porque aqui eu não teria a tranquilidade e o tempo para me concentrar para poder fazer isso, mas pela minha função atual. Então ele altera o produtor. Agora a equipe de reportagem chega aqui e todo o dia faz uma ou duas matérias, que pode exigir um pouco mais de conhecimento, mas ele já vai estar recebendo esta informação (JA).

A reportagem do projeto é considerada "especial" pelos editores-chefes por apresentar um viés didático e uma abordagem específica - dentro de uma temática que varia a cada

edição e tempo determinado (3 meses) -, um tempo maior de exibição e por possuir uma linguagem mais explicativa.

[...] é um projeto que a emissora valoriza muito, que tem esse viés didático, por isso precisa ser tratado de forma especial. As reportagens precisam de um cuidado extra com a forma e com o conteúdo [...] damos um tratamento especial. Um acabamento mais refinado, trilhas (editor D).

As reportagens são consideradas especiais, pois seguem como uma série de reportagens abordando um único tema. O assunto não se encerra em apenas uma reportagem, pelo contrário, segue sendo tratado nos telejornais durante todo o período do *Televisando* (editor B).

Por terem abordagens específicas, por serem mais direcionadas, por ganharem um tempo de exibição maior do que as reportagens do dia a dia, podem ser consideradas especiais (editor A).

Os repórteres procuram usar uma linguagem mais explicativa e o tempo das matérias é maior do que a média [...] Elas são produzidas como as reportagens especiais, com mais marcações e detalhamentos e com um tempo maior para a produção e para a edição (editor C).

Conforme resultados até então levantados, pode-se afirmar que a produção das notícias do *Televisando* acontecem de forma muito similar às demais reportagens do telejornal. Segundo o JA, as reuniões de pauta vêm acontecendo desde o começo do ano e são articuladas com outras regionais, ou seja, não há uma reunião de pauta específica e, sim reuniões padrão onde se levantam várias outras pautas, incluindo as referentes ao projeto. Na rotina normal da produção das reportagens, geralmente os jornalistas fazem duas matérias por período (manhã, tarde ou noite), porém, nas reportagens do projeto, os jornalistas dedicam seu tempo integral de trabalho, mas, não é possível afirmar que isso aconteça com regularidade, pois isso exigiria o acompanhamento de todos os dias de produção das notícias. Já edição é realizada por outros profissionais do jornalismo que não se envolveram em nenhuma etapa anterior a produção das reportagens.

Quando questionados sobre as perspectivas de atuação, mudanças no dia a dia profissional e desafios do mundo de trabalho na TV frente a atual realidade, os jornalistas apresentaram posicionamentos distintos. Para o jornalista D (JD), não há grandes mudanças na rotina de trabalho:

Não, não tem mudanças na nossa rotina, tem lá dentro, mas na nossa rotina de reportagem não tem assim grandes mudanças na nossa forma de operar na rua. A gente tem uma pauta, a gente desenvolve essa pauta, existe claro uma pressão para que esse material seja o melhor possível porque ele tem que chamar ainda mais atenção das pessoas, para que as pessoas optem por assistir ao nosso material em invés de ver em uma outra mídia (JD).

Por outro lado, o JD não descarta que há muitos desafios do Jornalismo e, que o principal deles é definir o público alvo:

[...] um dos desafios que eu vejo é definir quem é o nosso público. A gente faz uma série de pesquisas e [...] muitas vezes a gente acaba perdendo com a internet, a gente precisa definir quem é o nosso público, o que a gente está fazendo, para quem a gente trabalha, muitas vezes é muito difícil né, nesta corrida pela audiência, é, então, para a gente ter uma audiência maior, para quem a gente precisa trabalhar, que tipo de material a gente precisa produzir e muitas vezes a gente não sabe [...] Saber exatamente para quem a gente está trabalhando, o que as pessoas mais gostam de ver, porque isso tudo é muito difícil de ver muitas vezes de definir (JD).

Já o jornalista E (JE), comenta que o maior desafio do jornalismo é o tempo, “é o nosso problema e a nossa solução. A melhor imagem não é a melhor, mas a primeira a chegar, é um troféu” e, comenta que é preciso lidar com a concorrência que as mídias sociais representam nos dias de hoje:

[...] é nós trabalharmos com essa concorrência, entre aspas, que são as redes sociais. É você buscar este público que está nas redes sociais e puxá-los para a atenção da televisão. Durante um tempo ela reinou sozinha como um veículo de comunicação que ditava o que era comunicação, jornalismo e até entretenimento e, hoje ela tem uma concorrência muito grande não só com as redes sociais que está no computador, mas também está nos meios portáteis como o celular. Então eu acho que a busca em espaço junto as com essas mídias sociais é um desafio da televisão (JE).

Não é por menos que o JC atenta que diante de tantas ferramentas de comunicação o desafio hoje em dia da TV é fazer um jornalismo mais agradável, divertido e dinâmico, rompendo até com alguns padrões do modo de fazer notícia:

Eu acho que a TV diferente do jornalismo é entretenimento né, a pessoa liga a TV buscando entretenimento e, o jornal não, sempre foi aquele negócio momento de passar as coisas sérias, notícias e acabo. A audiência dos jornais da TV como todo já vem caindo. Então eu acho que o nosso desafio é fazer um jornalismo, mas agradável, que a pessoa consiga assistir [...] porque eu acho que de nada adianta fazer o jornalismo tradicional se as pessoas não gostam, não vão assistir, não vão captar a informação [...] Se é um escândalo, você tem que mostrar do jeito que o jornalismo sempre faz, mas agora se é uma matéria sobre comida, sobre emprego, enfim, acho que pode ser mais divertido, mais dinâmico, sem ter o modelo tradicional, off e passagem, do jeito que a gente está acostumado (JC).

O JB compartilha da mesma opinião e, ainda acrescenta que é necessário fazer do veículo TV e do jornalismo televisivo, algo mais atraente, que prenda as pessoas das mais variadas idades:

[...] a gente enfrenta uma concorrência gigantesca, de outros meios, de outros veículos, de outras modalidades, de outras ferramentas de comunicação e a gente percebe que há uma quantidade de pessoas que saíram daquela comodidade de se informar só via TV, os tempos mudaram muito, então eu acho que o maior desafio da TV hoje é continuar sendo importante, como ela já foi, sendo fundamental, confiável, sendo uma ferramenta de massa moderna, inteligente, divertida e o jornalismo está dentro disso. Eu acho que o jornalismo de televisão precisa sim mergulhar nesse desafio, porque é uma questão até de sobrevivência (JB).

Nota-se que os jornalistas ao definir projetos de comunicação e educação utilizam termos-chaves que remetem a área de interface desses campos do saber, como por exemplo: *reflexão, diálogo, formação e crítica*. Em alguns casos, prevalece a visão institucional: “um projeto indispensável para uma emissora que quer ter credibilidade, quer ter respeito” (JC). Ou então, sua definição é associada a algo leve, divertido, tratando o assunto da reportagem “sem rispidez, sem militância, sem ideologia, sem imposições” (JB). O conceito mais próximo que associa o projeto à formação de alunos e sociedade está na resposta do JA: “ajudar na formação destas crianças e ao mesmo tempo também fazer a minha comunidade refletir sobre o que esta acontecendo no mundo”.

Já entre as respostas dos editores-chefes, destaca-se: “Projeto que promove interação” (editor A); “[...] propõe a discussão sobre temas atuais e estimula o pensamento crítico (editor C); “É um projeto que consegue unir as duas coisas, tornando comum temas que abordem a educação e possam levar a reflexão” (editor B). “[...] se utiliza de ferramentas de comunicação (no caso, TV) para sensibilizar um número maior de escolas, diretores, professores, alunos a participarem”(editor D). A utilização dos termos *reflexão, pensamento crítico, discussão e interação* remetem a *ecossistema comunicativo*, um dos conceitos principais da Educomunicação, o que indica que os editores-chefe entendem a proposta do projeto da instituição da qual fazem parte, porém, não o associam as ações de um novo campo do saber, interdisciplinar. Nenhuma resposta contemplou expressões como *Educação para os Meios, Mídia-Educação* ou *Educomunicação*, o que leva a crer que tanto os jornalistas, como os editores-chefes percebem a importância do projeto como uma ação que visa promover a criticidade do público, porém, não veem a atuação do jornalista como parte também de um processo que contribua para que o público pense os meios criticamente.

Considerações finais

Diante da afirmativa de que a educação “tenha se recolocado numa perspectiva diferenciada e que requisita, de maneira crescente, o estreitamento dialógico com informações e conhecimentos gerados em fontes indiretamente escolares” (CITELLI, 2002, p. 137), considerando aqui que essas fontes educativas indiretas sejam os meios de comunicação, o que por consequência, recai sobre a realidade profissional do jornalista, pode-se afirmar que o modo de fazer jornalismo no *Televisando* não muda, exceto na produção, etapa de maior aprofundamento do conteúdo a ser tratado nas reportagens. De forma geral, as reportagens do projeto são similares às demais dos telejornais da RPC TV e, apesar da rotina de trabalho dos jornalistas não apresentar alterações significativas, alguns alegam ter sobrecarga de trabalho e pouco tempo para aprofundar os temas das reportagens.

Constata-se que a Educomunicação não é referenciada como conceito fundamental que pauta projetos de comunicação e educação e, apesar da predominância dos termos “educadores” e “alunos” nas falas dos jornalistas e editores-chefes, também não houve nenhuma menção sobre o papel do “jornalista”, agente também participante do processo de mediação entre a escola e a mídia.

Evidencia-se que a dicotomia entre a comunicação e educação, latente no mundo de trabalho do jornalista, se acentua frente às restrições profissionais que limitam a sua atuação em projetos institucionais que propõem a interface dessas duas áreas do conhecimento. Portanto, tendo-se em vista que o jornalista se coloca como um professor a explicar determinados fatos à audiência, idealizada e presentificada nos textos como alguém que não sabe (VIZEU, 2006, p.35), ressalta-se a reflexão levantada por Moretzsohn (2007, p. 17) em relação à necessidade de tratar uma questão fundamental no jornalismo: explorar as possibilidades deste profissional superar, no contexto de suas rotinas profissionais, o caráter imediato dos fatos para oferecer ao público elementos de reflexão.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica. In. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas, ano 14, n.3, set/dez 2009, p. 19-28

BRAGA, José Luiz.; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Papirus Editora, 2003

BUCCI, Eugênio. **Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: Aproximações. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002, p.101-111

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994

MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014

MORETZSOHN, Sílvia. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007

OROZCO GÓMES, Guilherme. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014

_____. **Comunicação & Educação: história e imagem no tempo da TV artesanal**. São Paulo: Editora Moderna, 1997, p. 57-68

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015**. 2015, p. 13-28. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011

_____. Comunicação e Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In. **Contato**. Brasília, ano 1, n.2, jan/mar 1999, p. 19-74

VIZEU, Alfredo.; MOTA, Célia.; PORCELLO, Flávio (orgs). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Tradução Vanda Anastácio. Miraflores: DIFEL – Difusão Editorial, S.A, 1999. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/69738825/Dominique-Wolton-Pensar-a-Comunicacao>>. Acesso em: 18 jun.2015